

*Irá caçá-la por todas as cidades,  
Até que a tenha levado ao Inferno,  
De onde a Inveja a libertou.*

DANTE ALIGHIERI, *Inferno*, Canto I.



Tudo pode acontecer em um piscar de olhos. Tudo.  
Um.

Dois.

Três.

*Pisque.*

Uma menina está rindo com seus amigos.

De repente, uma cratera abre-se no chão. Surge um homem em uma carruagem negra forjada nas profundezas do inferno, puxada por cavalos com patas de aço e olhos de fogo.

Antes que alguém consiga gritar, antes que a menina consiga fugir, as pavorosas patas a surpreendem.

A menina para de rir e começa a chorar.

Tarde demais. O homem sai da carruagem, segura a menina pelos pulsos e a leva para dentro da cratera.

A vida nunca mais será a mesma para ela.

Mas não se preocupe com a menina. Ela é apenas uma personagem de um livro. Seu nome é Perséfone, e a cena

em que é raptada por Hades, deus dos mortos, e levada para viver no Mundo Inferior representa a maneira como os gregos explicavam a mudança das estações. É o que chamam de mito das origens.

O que aconteceu comigo não foi um mito.

Alguns dias atrás, se tivessem me contado sobre uma menina que teve de ir morar com um cara em seu palácio no Mundo Inferior durante seis meses, eu teria gargalhado. Você acha que Perséfone ficou em apuros? Vou dizer quem está em apuros: eu. Bem maiores do que os dela.

Principalmente agora, depois do que aconteceu na outra noite no cemitério. Estou me referindo ao que aconteceu *de verdade*.

A polícia acha que sabe de alguma coisa, é claro, assim como todos na escola. Parece que cada pessoa na ilha tem uma teoria.

Essa é a diferença entre mim e eles. Todos têm teorias.

Eu sei dos  *fatos*.

Que diferença faz o que aconteceu com Perséfone? Não foi nada comparado ao que aconteceu comigo.

Na verdade, Perséfone teve sorte, pois sua mãe veio salvá-la.

Ninguém veio me salvar.

Portanto, escute meu conselho: aconteça o que acontecer, não pisque.

*Como no outono as folhas caem  
Uma a uma, até que o galho  
Entregue à terra tudo o que tem.*

DANTE ALIGHIERI, *Inferno*, Canto III.



Certa vez, morri.  
Ninguém sabe ao certo por quanto tempo me fui.  
Fiquei sem me mover por mais de uma hora.

Estava também com hipotermia, e foi por isso que os desfibriladores e a dose esmagadora de adrenalina me trouxeram de volta quando os médicos me aqueceram.

Pelo menos foi o que disseram. Tenho outra opinião sobre o que me mantém entre os vivos, mas aprendi a não expressá-la.

*Viu uma luz?*

É a primeira coisa que todo mundo quer saber quando descobre que morri e voltei. Foi a primeira coisa que meu primo Alex, que tem 17 anos, perguntou hoje à noite na festa da mamãe.

— Viu uma luz?

Assim que Alex falou, seu pai, meu tio Chris, deu um tapa atrás da cabeça dele.

— Ai — exclamou Alex, massageando a cabeça. — Qual o problema em perguntar se ela viu uma luz?

— É falta de educação — respondeu tio Chris, seco. — Não se pergunta isso a uma pessoa que morreu.

Tomei um gole de refrigerante. Mamãe não perguntou se eu queria uma festança de boas-vindas à Isla Huesos, mas como dizer não? Ela estava tão animada. Acho que convidou quase todos os seus velhos conhecidos, inclusive a família inteira, que, com exceção de mamãe e de seu irmão mais novo, Chris, nunca havia se mudado da ilha de 3 quilômetros por 6 localizada na costa sul da Flórida. Foi onde todos nasceram.

Porém, tio Chris não deixou a Isla Huesos para estudar, se casar e ter filhos, como aconteceu com mamãe.

— Mas o acidente foi há quase dois anos — disse Alex. — Não é possível que ela ainda fique chateada. — Olhou para mim. — Pierce — disse com sarcasmo —, você ainda fica chateada sobre o fato de ter morrido e voltado à vida *há quase dois anos atrás?*

Tentei sorrir.

— Já superei isso — menti.

— Não disse? — falou Alex para o pai. — Então, você viu ou não viu uma luz? — perguntou para mim.

Respirei fundo e repeti o que havia lido na internet.

— Praticamente todos os EQM contam que, quando morreram, viram alguma coisa, geralmente algum tipo de luz.

— O que é um EQM? — perguntou tio Chris e coçou a cabeça. Usava um boné de beisebol da Iscas e Equipamentos Isla Huesos.

— É uma pessoa que teve uma experiência de quase-morte — expliquei.

Senti vontade de coçar a pele embaixo do vestido que mamãe havia comprado para mim. Estava muito apertado no peito. No entanto, achei que não seria educado fazer isso, apesar de tio Chris e Alex serem da família.

Ah — disse tio Chris. — EQM. Entendi.

Li que os EQM podiam sofrer profundas alterações de personalidade e dificuldade de se reajustar à vida após... bem, após a morte. Contam sobre pastores pentecostais que voltaram da morte e viraram ciclistas; sobre ciclistas radicais que voltaram e foram direto para a igreja mais próxima.

Acho que reagi bem, considerando a minha experiência. O pessoal da Academia Westport para Meninas não acha o mesmo. Dei uma olhada nos documentos que a minha antiga escola nos enviou sugerindo que meus pais encontrassem uma “solução educacional alternativa” para mim – a maneira educada que acharam para dizer que fui expulsa pelo “incidente” na última primavera.

*Pierce não se dedica. Por vezes, tem sua concentração dissipada. Quando decide prestar atenção, tende a focar-se demasiadamente em tópicos não pertinentes à aula. Sugerimos testes de variáveis de atenção.*

Esse relatório foi escrito logo depois do acidente – que ocorreu mais de um ano antes do “incidente” –, quando eu tinha algumas coisas mais importantes com que me preocupar do que o dever de casa. Aqueles idiotas me tiraram até da peça na qual eu ia fazer o papel principal, *Branca de Neve*.

Como foi que a professora de teatro falou mesmo? Ah, sim: eu estava me identificando um pouco demais com a coitadinha da Branca de Neve depois que a personagem volta à vida.

Não sei mesmo como podia ter evitado isso, porque, além de ter morrido *de verdade*, eu também nasci rica como uma princesa, graças a papai. Ele é o presidente de um dos maiores fornecedores mundiais de produtos e serviços para indústrias de petróleo, gás e armamento (todo mundo já ouviu falar de sua empresa. Ela está em todos os jornais, especialmente nos últimos tempos). Eu também nasci com jeito de princesa, graças a mamãe. Herdei seu porte delicada, cabelo negro e grosso, olhos escuros e grandes...

Infelizmente, também herdei o coração sensível de mamãe. Foi o que acabou me matando.

— Foi como o fim de um túnel? — Alex quis saber.  
— É o que as pessoas sempre falam sobre a luz.

— Sua prima não caminhou para a luz — disse o pai, preocupado. — Se tivesse feito isso, não estaria aqui. Pare de encher o saco.

— Não tem problema — respondi sorrindo para tio Chris. — Não me importo em responder perguntas. — Na verdade, me importava sim, mas ficar no quintal dos fundos com tio Chris e Alex era muito melhor do que ficar lá dentro com um bando de gente que não conhecia. — Algumas pessoas falam que veem a luz no fim do túnel. Nenhuma delas sabe exatamente o que é, mas todas têm teorias.

— Que teorias? — perguntou Alex.

Um trovão lá longe fez um barulho não muito alto. As pessoas dentro da casa provavelmente não ouviram nada além das gargalhadas, da água na cachoeira sobre a piscina e da música que mamãe colocou para tocar — algo parecido com rock.

Mas eu ouvi. O trovão veio logo após um relâmpago. Não foi um relâmpago normal de um dia de calor, ape-

sar de estar quente. Era uma noite abafada de setembro no sul da Flórida, o mesmo clima que fazia em julho em Connecticut, mas aquele trovão fora causado por uma tempestade que estava se formando no mar e que vinha em nossa direção.

— Não sei — respondi. Tentei me lembrar de outras coisas que havia lido. — Alguns acham que a luz é um caminho para outras dimensões espirituais que só os mortos podem ver.

Alex sorriu.

— Maneiro — disse. — Devem ser os portões do paraíso.

— Pode ser — respondi, dando de ombros —, mas os cientistas dizem que a luz é apenas uma alucinação produzida pelos neurotransmissores do cérebro quando funcionam todos ao mesmo tempo antes da morte.

Tio Chris fez uma expressão triste.

— Gosto mais da explicação do Alex — comentou. — São os portões do paraíso.

Não foi minha intenção fazer com que tio Chris ficasse chateado.

— Ninguém sabe ao certo o que acontece quando morremos — complementei rapidamente.

— Você sabe — retrucou.

O vestido branco ficou mais apertado do que nunca. O que vi quando morri não foi uma luz. Não foi nem parecido com uma luz.

Não gosto de mentir para tio Chris. Sabia que não era para estar falando sobre aquelas coisas, especialmente porque mamãe queria que tudo fosse perfeito naquela noite... não só naquela noite, mas daquele dia em diante.

Não queria decepcioná-la. Ela fez tudo o que pôde, comprou a casa milionária, trouxe uma amiga de Nova York para decorá-la. Teve a ajuda de um paisagista antenado com técnicas sustentáveis. Ele plantou árvores e flores nativas, como jasmims, para que o ar tivesse o mesmo cheiro daqueles anúncios de revista para perfumes de celebridades. Mamãe comprou até uma motocicleta “de praia” com cesta e buzina – eu ainda não tinha carteira de motorista. Pintou o meu quarto de lavanda e me matriculou na mesma escola que própria havia frequentado vinte anos antes.

— Você vai amar, Pierce — dizia. — Você vai ver. Vamos começar do zero. Vai ser ótimo. Sei que vai.

Eu tinha todos os motivos para achar que as coisas *não* iam ser ótimas, mas não falei nada. Mamãe estava tão feliz... Ela até contratou cozinheiros profissionais para a festa para prepararem e servirem coquetéis de camarão, bolinhos de molusco e espetos de galinha. Colocou velas de citronela na piscina para espantar os mosquitos, ligou a cachoeira da piscina e abriu as portas da casa.

— Que brisa agradável — disse mamãe.

Preferiu ignorar as enormes nuvens carregadas no céu escuro. Também preferiu ignorar que tinha voltado para Isla Huesos a fim de aprofundar suas pesquisas sobre colhereiros – pássaros que se parecem com flamingos, mas com bicos no formato de uma colher – logo após o pior desastre ecológico da história americana, que matou a maioria deles.

Ah, ignorou também que sua filha querida havia resuscitado e não estava muito... normal. Foi por causa disso que o casamento deles foi pelo ralo. Na verdade, o divórcio começou quando eu ainda estava no hospital. Mamãe



mandou que papai saísse de casa por “ter deixado” que eu me afogasse. Papai foi morar na cobertura perto do prédio onde trabalhava em Manhattan. Nunca imaginou que ainda chamaria aquele lugar de lar um ano e meio depois.

— É muito melhor esquecer e perdoar, Pierce — papai sempre dizia quando conversávamos. — Aí fica mais fácil seguir em frente. Sua mãe precisa aprender isso.

Falando sério, a expressão “esquecer e perdoar” não faz sentido para mim. Perdoar faz com que paremos de insistir no assunto, o que nem sempre é saudável (é só ver o exemplo dos meus pais).

Contudo, se esquecemos, não aprendemos com nossos erros, o que pode ser fatal.

Quem sabe isso melhor do que eu?

Perdoar? Claro, pai. Mas esquecer? Mesmo que quisesse, não conseguiria, porque tem uma pessoa que não me permite isso.

Não culpo mamãe por querer voltar para a ilha na qual nasceu e foi criada, mesmo que seja um lugar ridiculamente *quente*, frequentemente atingido por furacões e repleto de nuvens formadas por componentes químicos misteriosos – uma imagem parecida com a que eu tinha do Mal saindo da caixa de Pandora e tomando conta da humanidade.

Se alguém tivesse mencionado antes da mudança que o nome do lugar significava Ilha dos Ossos – e *por que* os exploradores espanhóis o batizaram assim –, provavelmente eu nunca concordaria com o plano de “começar uma vida nova na Isla Huesos”. Principalmente porque é difícil começar de novo no lugar onde você conheceu a pessoa que fica arruinando a sua vida o tempo todo.

Não tinha como falar sobre *isso* com mamãe. O fato de eu ter estado na Isla Huesos anteriormente era um grande segredo (não um segredo *ruim*, só um segredo de meninas, como mamãe dizia).

Isso porque papai não suporta a família de mamãe. Acha (não sem motivos) que são um bando de criminosos e malucos, exemplos não muito bons para sua única filhinha. Mamãe me fez prometer que nunca contaria para ele sobre a viagem que fizemos para o funeral do meu avô quando eu tinha 7 anos.

Eu prometi. Não entendia a situação muito bem, então nunca contei nada...

... principalmente sobre o que aconteceu *depois* do funeral, no cemitério. A verdade é que não achei que *tinha* que contar, pois vovó já sabia de tudo. E as avós nunca deixam nada de ruim acontecer com suas netas.

Eu nem conhecia os convidados de mamãe, a não ser ela, Alex e vovó – as mesmas pessoas que se sentaram ao meu lado no funeral do vovô. Isso fazia uma década; era do tempo em que o irmão de mamãe ainda estava na cadeia.

Tio Chris não estava se ajustando muito bem à vida “lá fora”. Não sabia como agir, por exemplo, quando um dos garçons vinha encher sua taça de champanhe. Em vez de simplesmente falar “Não, obrigado”, tio Chris berrava “guaraná!” e jogava a taça longe, derramando champanhe no pátio todo.

— Não bebo álcool — exclamou tio Chris. — Só guaraná.

— Perdão, senhor — disse o garçom olhando para a poça de Veuve Clicquot no chão.

Eu gostava de tio Chris, embora papai achasse que ele acabaria embarcando em um reino obscuro de terror e vin-

gança assim que fosse solto. Tio Chris estava morando na Isla Huesos com vovó, que criou Alex desde bebê. A mãe dele fugiu depois que o tio Chris foi para a prisão. Desde que cheguei, tudo o que vi meu tio fazer foi assistir o canal de previsão do tempo obsessivamente e tomar guaraná.

Mesmo assim, o pai de Alex me assustava um pouco. Tinha os olhos mais tristes do que o de todas as pessoas que já conheci. Talvez com exceção de uma, mas não queria ficar pensando *nele*. Assim como não queria ficar pensando sobre o dia em que morri.

Algumas pessoas estavam dificultando minhas tentativas.

— Nem todo mundo que morre e volta — eu disse cuidadosamente para tio Chris — tem exatamente a mesma experiência...

Foi nesse exato instante que vovó veio descendo as escadas da varanda dos fundos, fazendo barulho com seus saltos altos. Ao contrário de tio Chris e Alex, ela se arrumara para a ocasião. Usava um vestido bege de tecido fino e um cachecol que havia tricotado.

— Achei você, Pierce — disse com tom irritado. — O que está fazendo aqui fora? Essas pessoas todas estão esperando para conhecê-la. Vamos, quero que fale com o padre Michaels...

— Maneiro — comentou Alex, alegre. — Será que ele sabe?

— Sabe o quê? — perguntou vovó, surpresa.

— O que foi a luz que Pierce viu quando morreu — respondeu Alex. — Eu acho que foi a porta do paraíso, mas Pierce falou que os cientistas dizem que é... o que dizem mesmo, Pierce?

Engoli em seco.

— Uma alucinação — respondi. — Os cientistas dizem que tiveram os mesmos resultados em testes com pessoas que não estavam morrendo, mas que estavam sob efeito de drogas ou de choques no cérebro. Algumas dessas pessoas também viram uma luz.

— É *isso* que você está fazendo aqui fora? — indagou vovó, chocada. — Blasfemando?

Depois que morri e voltei, minhas notas ficaram muito ruins. Foi quando minha consultora na Academia Westport para Meninas, a Sra. Keeler, recomendou que meus pais encontrassem alguma atividade fora da escola que me interessasse. Crianças que fracassam na escola podem ter sucesso na vida se descobrirem alguma coisa que estimule o “engajamento”, segundo a Sra. Keeler.

Acabei encontrando uma coisa com a qual queria me “engajar”. Uma coisa que me fez ser expulsa da Academia Westport para Meninas e que me trouxe para a Isla Huesos, que algumas pessoas chamam de paraíso.

Tenho certeza de que essas pessoas não conhecem minha avó.

— Não — disse Alex, rindo. — Blasfemar seria dizer que a luz vem do meio das pernas de uma mulher que está parindo você. É claro que isso não seria uma blasfêmia se eu fosse hinduísta.

Vovó parecia ter mordido um limão.

— Bem, Alexander Cabrero — respondeu com um tom ácido —, você não é hinduísta. E talvez devesse se lembrar que quem paga aquele lixo que você chama de carro sou eu. Se quiser que eu continue pagando, é melhor começar a ser mais respeitoso.

— Desculpe, senhora — murmurou Alex olhando para a poça de champanhe no chão. Seu pai fez o mesmo depois de remover o boné.

Vovó olhou para mim tentando amenizar sua expressão.

— Enfim, Pierce — disse. — Por que não vem conhecer o padre Michaels? É claro que você não vai se lembrar dele do funeral de seu avô, você era muito nova, mas ele se lembra de você e está muito feliz por você fazer parte da nossa pequena paróquia.

— Sabe qual o problema? — respondi. — Não estou me sentindo muito bem. — Não estava mentindo, o calor estava demais. Queria abrir alguns botões do meu vestido apertado. — Preciso de ar.

— Então entre — disse vovó, surpresa. — Temos ar condicionado. Ou teríamos, caso sua mãe não tivesse aberto todas as portas...

— O que foi que fiz agora, mãe? — Mamãe apareceu na varanda e pegou um camarão da bandeja do garçom que estava passando. — Ah, Pierce, você está aí. Já estava me perguntando se você tinha desaparecido também. — Mamãe observou meu rosto. — Querida, está tudo bem com você?

— Ela disse que precisa de ar — respondeu vovó, ainda surpresa —, mas está em pé aqui fora. Qual o problema dela? Tomou o remédio hoje? Você tem *certeza* que Pierce está pronta para voltar para a escola, Deb? Você sabe como ela é. Talvez ela...

— Ela está bem, mãe — interrompeu mamãe. — Pierce... — disse virando-se para mim.

Levantei a cabeça. Os olhos de mamãe pareciam estar mais escuros por causa da luz da varanda. Estava bonita

e jovial; vestia jeans branco e uma bata de seda. Estava perfeita. Tudo estava perfeito. Tudo ficaria bem.

— Tenho que ir — falei controlando o choro de pânico que estava preso em minha garganta.

— Então vá, querida — respondeu mamãe inclinándose na varanda. Tocou minha testa como se quisesse checar se eu estava com febre. Tinha o mesmo cheiro de sempre, aquele perfume materno. Seus cabelos negros e longos tocaram meus ombros quando me beijou. — Tudo bem. Só não se esqueça de ligar o farol da bicicleta para que as pessoas a vejam.

— O quê? — Vovó parecia não acreditar. — Você a está deixando ir dar uma volta de bicicleta? Mas estamos no meio de uma festa para *ela*.

Mamãe a ignorou.

— Não pare em lugar algum — disse para mim. — Não saia da bicicleta.

Eu me virei para Alex e para tio Chris sem falar nada. Eles me observavam sem acreditar no que viam. Fui direto para o jardim lateral onde minha nova bicicleta estava parada. Não olhei para trás.

— E Pierce... — disse mamãe.

Meus ombros ficaram tensos. Será que ia mudar de ideia por causa do que vovó disse?

Não. Tudo o que falou foi:

— Não demore. Tem uma tempestade vindo para cá.